

Pluralismo religioso, desinstitucionalização da fé e religiosidade urbana na modernidade

Pe. Maximiliano Gonçalves da Costa¹

Resumo: A cidade contemporânea configura-se como espaço privilegiado para a análise das transformações do fenômeno religioso. Longe de representar um ambiente secularizado, o contexto urbano revela uma profunda reconfiguração do sagrado, marcada pelo pluralismo religioso, pela desinstitucionalização da fé e pela emergência de novas formas de pertencimento territorial e simbólico. Esta comunicação investiga, à luz das contribuições de Peter Berger e dos dados do Censo 2022, o processo de retração estrutural do catolicismo no Brasil e suas implicações concretas para a paisagem religiosa urbana, destacando a perda de centralidade institucional e territorial nas cidades. Em perspectiva histórica, examina-se o papel do Padroado na constituição do *ethos* católico brasileiro e suas consequências estruturais no contexto da modernidade pluralista. Conclui-se que a religiosidade urbana não se enfraquece, mas se transforma e se redistribui espacialmente, assumindo formas mais fluidas, fragmentadas e marcadas pela escolha individual, o que interpela diretamente as estratégias pastorais e missionárias da Igreja.

Palavras-chave: Pluralismo religioso. Cidade. Desinstitucionalização. Catolicismo. Espaço urbano.

180

1 Introdução

A cidade contemporânea constitui um espaço privilegiado para a observação das transformações do fenômeno religioso. Diferentemente das interpretações clássicas que associavam urbanização e secularização, o ambiente urbano atual revela não o desaparecimento da religião, mas sua profunda reconfiguração. Nesse contexto, a cidade se apresenta como um território dinâmico, marcado pela diversidade cultural, pela mobilidade social e pela coexistência de múltiplas expressões religiosas.

No Brasil, os dados do Censo 2022 indicam que a sociedade não se tornou menos religiosa do que em períodos anteriores; antes, deve-se reconhecer que se tornou mais plural em termos de práticas religiosas. Esse pluralismo manifesta-se de modo particularmente visível no ambiente urbano, onde a concentração de diferenças culturais, étnicas e migrantes cria um verdadeiro laboratório do sagrado. Várias noções surgiram nos últimos tempos, não sem polêmica, como por exemplo a noção de pós-cristandade que compreende esse fenômeno: o indivíduo tende a rechaçar o dado institucional e, por meio de escolhas pessoais e sínteses criativas, atribui predominantemente a si mesmo a construção de seu projeto religioso.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Master em História da Igreja na América no Ateneu Pontifício Regina Apostolorum em Roma (UPRA). E-mail: max.historia@gmail.com



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Nesse sentido, a expressão “sem religião” não designa, necessariamente, uma negação da fé ou da transcendência, mas, muitas vezes, indivíduos que creem em Deus, mantêm práticas religiosas, porém não se identificam com nenhuma religião institucionalizada. É nesse horizonte que o termo “desigrejados” adquire relevância analítica (INAPAZ, 2025), e é nas cidades que esse fenômeno encontra seu ambiente mais fértil, dada a multiplicidade de ofertas espirituais e a fluidez das identidades urbanas. A cidade, portanto, não elimina o sagrado, mas o redistribui em múltiplos territórios simbólicos, que vão desde grandes templos até práticas domésticas, redes digitais e experiências espirituais personalizadas.

181

2 Desinstitucionalização da fé e a mobilidade religiosa

A desinstitucionalização da religião constitui um dos traços mais marcantes da religiosidade contemporânea. O enfraquecimento das instituições tradicionais implica que os indivíduos passem a assumir maior protagonismo na construção de suas trajetórias espirituais.

No contexto urbano, essa dinâmica se manifesta por meio da mobilidade religiosa. Os sujeitos circulam entre diferentes comunidades, adotam práticas diversas e constroem sínteses pessoais de crença. A fé deixa de ser um dado herdado e passa a ser uma escolha consciente, marcada pela voluntariedade.

A coexistência de múltiplas tradições religiosas configura-se como fenômeno estruturante da modernidade, expressando a ruptura com os modelos de uniformidade confessional que caracterizaram séculos anteriores. Conforme observa Peter Berger (2017), o pluralismo não deve ser entendido apenas como consequência da secularização, mas como um de seus sustentáculos. A modernidade, ao relativizar certezas tradicionais, introduz um processo de desinstitucionalização da religião. Nesse cenário, “o pluralismo enfraquece a certeza religiosa e abre uma plenitude de escolhas cognitivas e normativas. Em grande parte do mundo, contudo, muitas dessas escolhas são religiosas” (Berger, 2017, p. 52). De fato, a contemporaneidade permanece intensamente religiosa, embora as formas dessa religiosidade tenham se diversificado. A cidade é, nesse sentido, o espaço privilegiado dessa diversificação: longe de ser um território secularizado por excelência, o ambiente urbano revela uma profunda resignificação do sagrado, que se manifesta em múltiplas escalas, desde monumentais catedrais e templos até as microterritorialidades de grupos esotéricos, afro-brasileiros ou de imigrantes (Silva, 2019).

O enfraquecimento das fontes institucionais de sentido e apoio social, outrora sólidas, exige que os sujeitos elaborem seus próprios “pequenos programas para o negócio do viver”, organizando trajetórias espirituais híbridas e, por vezes, ecléticas. A globalização, ao colocar culturas diferentes em contato e ao criar um verdadeiro



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

mercado internacional de religiões, amplia as possibilidades de escolha e fortalece esse processo.

Nas cidades, a lógica de mercado, a segregação socioespacial e a mobilidade intensa redefinem as práticas religiosas, gerando novas formas de pertencimento, tensões e negociações entre grupos distintos. O espaço urbano torna-se, assim, um campo de disputa e de criatividade religiosa simultaneamente: o zoneamento dos templos, o uso do patrimônio sagrado e a arquitetura religiosa revelam como as religiões moldam a cidade e como a cidade remodela as religiões (Silva, 2019).

182

O pluralismo minou o “dado-como-certo” da religião, conforme afirma Berger (2017), isto é, a naturalidade com que a fé era transmitida e acolhida no interior de comunidades tradicionais. Nesse quadro, a fé pode assumir duas configurações distintas: (1) enquanto escolha individual, marcada pela voluntariedade, e não mais pelo destino ou pelo acaso do nascimento; e (2) enquanto pertencimento institucional, que passa a ser também resultado de uma opção consciente. No contexto urbano, essa voluntariedade é reforçada pela mobilidade espacial dos fiéis, que transitam entre bairros, templos e tradições, construindo itinerários religiosos que dificilmente encontram paralelo em comunidades rurais ou em contextos de menor densidade demográfica.

Esse movimento é acompanhado pela emergência de um discurso secular, que oferece às pessoas instrumentos para lidar com diferentes dimensões da vida sem recorrer a referenciais religiosos. A experiência cotidiana pode ser descrita e administrada em um quadro imanente, no qual a transcendência deixa de ser pressuposta. Em contrapartida, a fragilização das certezas religiosas alimenta, paradoxalmente, o ressurgimento do fundamentalismo, que busca restaurar o “dado-como-certo” perdido, fenômeno que nas cidades muitas vezes se traduz em ocupação agressiva do espaço público, disputas por territórios simbólicos e tensões com grupos de outras tradições religiosas. Assim, o espaço urbano se configura como um campo de tensões entre pluralismo e busca por estabilidade simbólica.

3 Retração estrutural do catolicismo no Brasil e a perda de centralidade urbana

A análise do cenário religioso brasileiro exige considerar o processo de retração estrutural do catolicismo (INAPAZ, 2025). Esse fenômeno pode ser compreendido como o enfraquecimento duradouro da presença, da influência e da capacidade de mobilização da instituição no tecido social. Trata-se de uma retração que não é meramente pontual ou superficial, mas que atinge dimensões organizacionais, culturais, funcionais e simbólicas. No espaço urbano, essa retração se expressa de maneira concreta: paróquias esvaziadas em bairros outrora católicos, templos



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

históricos que perdem sua função de polo de sociabilidade e identidade comunitária, e a redistribuição dos fiéis em direção a igrejas pentecostais e neopentecostais que avançam com velocidade impressionante nos territórios periféricos das metrópoles brasileiras.

Os dados demográficos referentes à presença católica no Brasil entre 1990 e 2022 revelam uma tendência inequívoca de declínio que se torna ainda mais expressiva quando analisada em sua dupla dimensão, percentual e absoluta. Se em 1990 os católicos representavam 74,1% de uma população de 174 milhões de habitantes, correspondendo a aproximadamente 128,9 milhões de fiéis, em 2022 esse percentual recuou para 56% de uma população de 210,3 milhões, totalizando 100,2 milhões de pessoas (INAPAZ, 2025).

183

Isso significa que, em pouco mais de três décadas, o catolicismo brasileiro perdeu cerca de 28,7 milhões de fiéis em números absolutos, enquanto a população geral cresceu em aproximadamente 36,3 milhões de pessoas, ritmos opostos que evidenciam não apenas uma perda relativa de espaço no campo religioso, mas um encolhimento real e quantificável da base de fiéis. Tal distinção metodológica é decisiva: uma leitura exclusivamente percentual pode sugerir uma desaceleração do declínio e, com isso, produzir uma percepção equivocada de estabilização; a análise em números absolutos, por sua vez, desfaz essa ilusão e revela que a Igreja Católica no Brasil está diante de um processo de retração efetiva de sua presença social, o que interpela diretamente suas estratégias pastorais, catequéticas e missionárias.

Tal processo pode ser metaforicamente compreendido como um “emagrecimento institucional”, caracterizado pela diminuição de sua capacidade de mobilização e de sua inserção social. Por isso, a análise da realidade religiosa exige atenção não apenas às variações em termos percentuais, mas também à observação dos números absolutos. Uma leitura que se concentre apenas nos percentuais pode levar a uma interpretação equivocada ou mesmo a uma “euforia enganadora”, sobretudo quando se reduz a análise à desaceleração da perda relativa de fiéis, sem considerar a magnitude da queda em termos concretos. Nas cidades, esse emagrecimento é visível na paisagem urbana: a ausência de fiéis nas missas dominicais, a conversão de igrejas em espaços culturais ou comerciais e a disputa cada vez mais acirrada pelo mercado religioso urbano revelam a profundidade da transformação em curso.

A Igreja Católica, que durante séculos estruturou o calendário, os ritos e os valores sociais, passa a disputar espaço com uma pluralidade de agentes religiosos. O “emagrecimento institucional” se manifesta não apenas na diminuição percentual de fiéis, mas também na redução de sua capacidade de organizar e mobilizar a vida coletiva. Essa transformação não implica o desaparecimento do catolicismo, mas sua



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

reconfiguração em um ambiente marcado pela diversidade e pela escolha individual. Para compreender a profundidade desse processo, é necessário, contudo, recuar no tempo e examinar as raízes históricas que moldaram a relação entre catolicismo e sociedade brasileira – raízes que, paradoxalmente, criaram as condições para a vulnerabilidade institucional que se manifesta hoje nas cidades.

4 O Padroado e a mentalidade católica como parte do *ethos* religioso e da identidade do povo brasileiro

Para compreender a atual configuração do catolicismo, é necessário considerar o papel histórico do Padroado Régio. Esse sistema, estabelecido entre a Coroa portuguesa e a Santa Sé, integrou profundamente a Igreja à estrutura do Estado, conferindo-lhe uma posição hegemônica na organização social. Por meio dele, o rei de Portugal, e posteriormente o imperador do Brasil, assumia o direito e o dever de organizar a vida eclesial em seus territórios, incluindo a construção de templos, a nomeação de bispos e a administração dos bens da Igreja, em troca do compromisso de manter e difundir a fé católica (Azzi, 2008). Esse processo de implantação institucional do catolicismo ocorreu, fundamentalmente, no espaço das cidades coloniais: as vilas, os arraiais e as capitanias foram os locais onde a Igreja edificou sua presença simbólica e arquitetônica, deixando marcas que até hoje integram o patrimônio urbano religioso brasileiro.

Esse arranjo institucional fez com que a religião católica não fosse apenas uma esfera da vida espiritual, mas se tornasse parte constitutiva da organização política e social. O Padroado implicava que o catolicismo estivesse presente no espaço público, sendo não apenas a religião oficial, mas também o referencial simbólico que orientava valores, costumes e práticas sociais (Hoornaert, 1994). A catedral no centro da praça principal, as igrejas matrizes delimitando as freguesias e os rituais religiosos estruturando o calendário da vida coletiva urbana: tudo isso conformou um modelo de cidade em que o sagrado católico ocupava o coração do espaço público.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o catolicismo, mediado pelo Padroado, contribuiu de forma decisiva para a formação do *ethos* brasileiro. O *ethos*, entendido como o conjunto de disposições éticas, culturais e simbólicas que orientam uma coletividade, foi profundamente marcado por elementos católicos: festas religiosas que estruturavam o calendário social, devoções populares que uniam comunidades, símbolos sagrados que atravessavam a vida cotidiana, além de práticas de solidariedade e de organização comunitária que se desenvolviam em torno da paróquia (Ribeiro de Oliveira, 2004). A paróquia funcionava, portanto, não apenas como instância religiosa, mas como instituição de ordenamento do território urbano e de coesão social, um papel que hoje, no contexto da mobilidade e do pluralismo, encontra-se profundamente reconfigurado.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

A mentalidade católica, formada nesse contexto, não se limitava ao âmbito individual da fé, mas se projetava como elemento da identidade nacional. A religião integrava as estruturas de poder, os ritos públicos, a moral social e a visão de mundo predominante. Mesmo após a separação entre Igreja e Estado, com a Proclamação da República (1890), essa herança permaneceu como uma marca cultural duradoura, que ainda hoje pode ser percebida em valores, símbolos e práticas do povo brasileiro (Holanda, 1995). Nas cidades contemporâneas, essa herança sobrevive na forma de patrimônio arquitetônico, de festas populares e de toponímia sacra, mesmo quando os fiéis que frequentam esses espaços se tornaram minoria ou quando o sentido religioso original cedeu lugar a usos culturais e turísticos.

185

Portanto, o Padroado, ao consolidar a presença institucional do catolicismo, moldou não apenas a organização religiosa, mas também a própria mentalidade coletiva, inscrevendo o catolicismo como parte fundamental do *ethos* e da identidade do Brasil. Compreender a atual reconfiguração do sagrado nas cidades exige, portanto, remeter a essa matriz histórica: o modo como o catolicismo ocupou e organizou o espaço urbano ao longo de séculos é condição de inteligibilidade para entender as tensões, negociações e ressignificações que hoje se observam na paisagem religiosa das metrópoles brasileiras.

A relação entre o processo histórico do Padroado no Brasil e a atual retração estrutural do catolicismo é de causa e consequência histórica, na qual o modelo de inserção e funcionamento da Igreja Católica durante os períodos colonial e imperial criou vulnerabilidades institucionais que se manifestaram plenamente com a chegada da modernidade e do pluralismo religioso. No ambiente urbano, tais vulnerabilidades tornaram-se especialmente evidentes: a lógica de mercado que rege a cidade contemporânea não favorece uma instituição acostumada à garantia estatal, mas sim aquelas capazes de mobilizar voluntariamente seus adeptos e de oferecer respostas ágeis às demandas espirituais de populações em constante movimento.

Nesse sentido, podemos pontuar algumas consequências estruturais do Padroado. A Igreja operava como uma instituição de Estado, subordinada ao poder político e dependente financeiramente. Isso gerou uma estrutura burocrática, voltada primariamente para a manutenção da ordem social e para o serviço das elites, e não para uma evangelização profunda e autônoma ou para uma intensa mobilização popular. A segurança garantida pelo Estado inibiu o desenvolvimento de um vigor pastoral próprio e de uma capacidade robusta de autossustentação. No contexto urbano atual, onde a competição entre grupos religiosos é intensa e onde os fiéis têm ampla liberdade de escolha, essa herança de passividade institucional se revela como uma desvantagem estrutural significativa.

A Igreja não precisou, durante séculos, desenvolver mecanismos competitivos e voluntários de fidelização. O pertencimento era um “dado-como-certo” (religião de



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

nascimento), garantido pela aliança estatal, mascarando a real capacidade de mobilização e inserção social da instituição. Nas cidades brasileiras contemporâneas, marcadas pela pluralidade de ofertas religiosas e pela autonomia individual do crente-consumidor, essa lógica de garantia estatal não encontra mais terreno fértil. O resultado é o que se vê na paisagem urbana: a expansão das igrejas neopentecostais em galpões, centros comerciais e espaços da economia informal nas periferias das metrópoles brasileiras constitui um fenômeno de reconfiguração territorial do sagrado que exige análise tanto sociológica quanto geográfica e urbanística. Ao mesmo tempo, igrejas históricas católicas no centro das cidades perdem sua função de polo de sociabilidade comunitária, convertendo-se em patrimônio cultural ou atrativo turístico, sinal concreto da desinstitucionalização que o artigo analisa em termos teóricos.

186

A retração estrutural que o catolicismo brasileiro vivencia no século XXI é, em grande medida, a manifestação tardia e crítica das fragilidades estruturais implantadas pelo Padroado. O “emagrecimento institucional” hoje observado, a perda de capacidade de mobilização e a diminuição da relevância e autoridade na vida coletiva, reflete a dificuldade de uma instituição que, por séculos, teve sua presença garantida pela lei e não pela conversão e adesão voluntária e massiva.

Dessa forma, a análise da queda dos números absolutos e da redução de sua capacidade funcional exige a compreensão do Padroado como o antecedente histórico que criou uma instituição estruturalmente frágil para sustentar sua hegemonia no contexto da pluralidade e da escolha individual. Nas cidades, que são o território por excelência da modernidade, da mobilidade e do mercado, essa fragilidade estrutural encontra seu teste mais severo, revelando as tensões entre uma herança histórica de hegemonia e as exigências de uma nova gramática do pertencimento religioso.

5 Reconfiguração do pertencimento religioso na cidade contemporânea

A cidade contemporânea redefine profundamente as formas de pertencimento religioso. A lógica urbana, marcada pela mobilidade, pela segmentação social e pela diversidade cultural, favorece a emergência de identidades religiosas múltiplas e flexíveis.

Nesse contexto, o pertencimento deixa de ser exclusivamente territorial, vinculado a uma paróquia ou comunidade, e passa a ser construído a partir de redes, afinidades e experiências individuais. A religião torna-se um campo de escolhas, no qual os sujeitos negociam significados e constroem suas próprias sínteses espirituais.

As microterritorialidades religiosas, grupos de oração, comunidades informais, práticas domésticas, ganham relevância, coexistindo com grandes instituições. O



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

espaço urbano torna-se, assim, um mosaico de expressões religiosas, no qual o sagrado é constantemente reinterpretado.

6 Considerações finais

O cenário religioso brasileiro deve, portanto, ser compreendido dentro das dinâmicas mais amplas da modernidade e do pluralismo. Longe de significar o declínio da religião, assiste-se a uma mudança qualitativa: de uma religiosidade herdada e institucional para uma religiosidade escolhida e plural. Esse processo tem na cidade seu palco privilegiado: é no espaço urbano que se condensam as pressões do pluralismo, as lógicas de mercado, as mobilidades e os encontros entre tradições diversas.

Nesse contexto, o catolicismo enfrenta o desafio de lidar com um processo de retração estrutural que vai além da simples perda de fiéis, alcançando dimensões mais profundas de reconfiguração de sua presença no tecido social e cultural brasileiro, especialmente no ambiente urbano, marcado pela diversidade, pela mobilidade e pela intensa concorrência simbólica entre as mais variadas ofertas religiosas e espirituais. Tal cenário não apenas exige respostas pastorais pontuais, mas interpela a Igreja a repensar suas formas de presença, de linguagem e de mediação simbólica, de modo a dialogar com a pluralidade de experiências espirituais que caracterizam a contemporaneidade sem renunciar à especificidade e da profundidade do anúncio evangélico.

Compreender como as religiões moldam o espaço urbano, na arquitetura, no patrimônio, no zoneamento e nas práticas cotidianas, e como a cidade, com sua lógica de mercado, segregação e mobilidade, redefine, fragmenta e reinventa as experiências religiosas, é tarefa indispensável para qualquer análise séria do fenômeno religioso contemporâneo. A cidade não representa o fim do sagrado, mas o espaço privilegiado de sua reconfiguração: é nela que antigas tradições se ressignificam, novas espiritualidades emergem e o próprio sentido do transcendente é permanentemente negociado entre a memória das comunidades de fé e as exigências de um mundo urbano em constante transformação.

Referências

AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2008.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: religião: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 9 maio 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL PADRE ALBERTO ANTONIAZZI (INAPAZ). **Entre números e interpretações**: uma primeira reflexão sobre os dados religiosos do Censo 2022. Brasília: INAPAZ, 2025.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Catolicismo popular e romanização no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SILVA, Drance Elias da. Comblin e o uso das Ciências Sociais. **Revista de Cultura Teológica**. Ano XXVII – Número Especial – I Jornada José Comblin PUC/SP & UNICAP, p. 52-69, 2019.

